

36º Encontro Anual da Anpocs;

GT 19 - Memória social, museus e patrimônios: novas construções de sentidos e experiências de transdisciplinaridade

Uso e abuso do Afro do Brasil na África¹

Livio Sansone (sansone@ufba.br)

Como todos os continentes a África é uma entidade cujas fronteiras e geografia são tão físicas quanto políticas, românticas e morais - um continente, digamos assim, poroso e em fluxo. Isto se nota ainda melhor pelas bordas da África, aquelas partes cuja africanidade é freqüente contestada seja na cultura popular seja nos relatos dos acadêmicos – tanto por serem grupos congenitamente ‘estranhos’ ao continente africano, porque não suficientemente nativos, negros ou autóctone como por ficar nas margens geográficas da África, espalhadas no Oceano Atlântico ou Indico (Mbembe 2001). A partir destas margens aparece como evidente que a África é um continente que pode ser entendido e narrado de dentro para fora, mas também de fora para dentro. De fato, se consideramos as narrativas dos últimos dois séculos sobre o que seria a África e a africanidade que mais impactos tiveram no Ocidente tanto no pensamento racial e racista quanto nas ciências humanas e no pensamento anti-racista, relevamos que estas, em sua esmagadora maioria, tem sido construídas de fora para dentro. Os projetos identitários na própria África não são indiferentes a estes usos e abusos da África fora do continente e se dão em uma tensão entre construções centrífugas – de fora para dentro - e centrípetas – de dentro para fora. A força e a fortuna de umas ou outras é co-determinada por uma série de fatores: a geo-política do conhecimento (Mudimbe 1988; Mignolo 2006); poder e hierarquias nos fluxos globais dos artefatos culturais e identitários veiculados por não somente pelo mercado, mas também por museus, bibliotecas, arquivos, fundações etc.; os fluxos populacionais associados a turismo, migração e diásporas; e finalmente, as (novas) tecnologias comunicacionais. . Boa parte destes olhares e narrativas de fora sobre África e africanidade é produzida na parte Sul daquela região que Paul Gilroy (2002) chamou de Atlântico Negro e outros preferem chamara de Diáspora. América Latina, Caribe e África sempre tiveram uma

¹ Jogo de palavras fundado no meu texto “Uso e abuso da África no Brasil” publicado na revista, Afro-Ásia 27, 2002, PP. 249-269 - disponível em www.afroasia.ufba.br.

relação específica e relativamente intensa em termos de fluxos culturais, desde que estas foram construídas como regiões cultural-políticas pela primeira modernidade. Estas regiões mantiveram entre si uma relação Sul-Sul bem mais antiga que aquela selada pela noção de Global South (Sul Global), que se afirma nas ciências humanas nos anos de 2000. Na música, esporte e literatura este fluxo se deu de forma mais evidente ². Estilos e gêneros musicais, credos e línguas, embora instaladas inicialmente como resultado do processo colonizador dos dois lados do Atlântico, acabam já cedo por se configurar também como oportunidades e canais de trânsito transnacionais para expressar sentimentos ‘outros’, de emancipação e libertação. Longe de sempre se ter uma ditadura dos significados e uma hegemonia cultural do Norte, naquilo que hoje chamamos de Sul Global consegue-se por vezes e algumas frentes subverter o sentido das coisas, contribuindo para criar uma ‘guerra cultural’, ou luta pelo controle de sentidos, entre projetos diferentes de uso da cultura.

No caso de Cabo Verde pode-se até falar de uma verdadeira tradição em termos de um acúmulo de olhares de fora e de soluções centrípetas – que procuram ‘fora’ solução para os problemas de ‘dentro’. Neste texto concentro-me nos trânsitos de ideais com o Brasil – muitas vezes preponderante, embora absolutamente não seja este o único país fonte de inspiração. Isto é facilitado pelo fato de intensas relações entre culturas e artefatos criados no Brasil e os equivalentes criados ou pensados em Cabo Verde já existirem há séculos (Lobban 1995). Pensamos, sobretudo, na adaptação de gado e das plantas, na educação dos escravos e sua ladinização, na cultura e jargão dos marujos, no uso de ferramenta e técnicas (em primeiro lugar a moenda, o trapiche e o alambique); nos santos, devoções e irmandades católicas; nos estilos e gêneros musicais antigos (lundu) e novos (de samba, a bossa nova, a tropicália – lembramos que a tournée brasileira de Cesária Évora foi acompanhada por Caetano Veloso- e o estilo tecno-brega, cujo exemplo forte é, nos últimos anos, a popularidade em Cabo Verde da banda Calypso, originária de Belém do Pará) ³. Hoje transitam entre intelectuais brasileiros CD’s das

² De forma anedótica quero dar três exemplos fenomenais: o famoso hino popular à independência do Congo Belga, Cha, Cha, Cha de l’Independence cantado por Nico; quão grande é a torcida pelo Brasil entre Africanos, sobretudo quando o Brasil enfrenta nas finais um time do Norte ou ‘branco’; o impacto de certo Jorge Amado na literatura moçambicana a partir dos anos de 1970 (Mia Couto 2011).

³ Em janeiro de 2008, quando da minha primeira viagem à pesquisa a Cabo Verde, perguntei ao taxista que me levou do aeroporto para minha hospedagem qual era a música que mais fazia impacto entre os jovens da Praia e ele me respondeu, feliz de fazer feliz um brasileiro, a banda Calypso – não sabia que

cantoras Sara Tavares e Lura e é quase impossível surpreender um colega pesquisador cabo-verdiano com um CD de musica brasileira que ele ainda não conheça de jeito nenhum. Há tempo que estilos e gêneros literários brasileiros e suas estéticas (por exemplo, a estética da pobreza) influenciam a literatura cabo-verdiana (Hernandez 2002). As telenovelas têm tramitado imagens de beleza e consumo ou, mais recente, um imaginário em torno de novas identidades – negra, feminina, homossexual. Igrejas pentecostais brasileiras, com destaque para a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), tem comunicado uma nova religiosidade moderna, embora se apresentando como anti-modernas em alguns aspectos (Furtado et Laurent 2008).

Nos últimos anos também transitam pelo Atlântico duas impactantes vertentes ou fenômenos novos, que são interligados, o processo de patrimonialização da cultura material e imaterial e a espectacularização e resemantização do preto em ‘afro’. Ambos são fenômenos que abrem possibilidades, mas também oferecem novas contradições no caso de Cabo Verde.

O primeiro é um fenômeno global – a assim-dita diversidade cultural começa ser cultuada, o que, às vezes, resulta em medidas multiculturais na educação e até na prática do Estado. Este fenômeno tem tido no Brasil uma variante própria a partir de 2002.

Essenciais neste sentido tem sido a introdução e paulatina implementação da Lei Federal 10369, que torna obrigatório em todos os níveis da educação a matéria cultura e historia afro-brasileira e africana (Sansone 2007), assim como uma serie de medidas e posturas em prol da promoção da diversidade cultural que tem sido concebida no âmbito de uma nova valorização da cultura popular, tomadas pelo ministério de Gilberto Gil e promovidas por diversas missões da Fundação Palmares do Ministério da Cultura brasileiro em Cabo Verde. Para isso em cada cultura merecedora e em busca de apoio público, segundo os dogmas ditados pela UNESCO, e reinterpretados pelos ministérios da cultura e órgãos de proteção do patrimônio material e imaterial, ha que se identificar uma serie de itens, lugares, hábitos e artefatos que sejam claramente distinguíveis, originais, autênticos, únicos e, sempre que possível, visivelmente espetacularizáveis. Uma vez que Cabo Verde, um país que tem se visto e prezado por seu caráter híbrido e crioulo, quer se medir na escala dos itens culturais ‘evidentemente’ singulares e únicos, pode ter dificuldade de ter um escore alto em termo de diversidade cultural. Lembra-me

eu, á procura de ‘africanidade’ teria ficado bem mais feliz se ele tivesse falado de um gênero definitivamente cabo-verdiano ou até africano...

de um processo contraditório de celebração da mistura etno-cultural do próprio povo e tentativa de se afirmar como nação ‘diferente’ que já relevei no caso de outra nação crioula, o Suriname, que se tornou independente em 1975 – uma data bem próxima à independência de Cabo Verde (Sansone 2010).

O segundo fenômeno é associado ao primeiro, por este ter criado um novo espaço para a valorização da diversidade cultural. Trata-se, porém, de um fenômeno mais brasileiro ou talvez próprio ao mundo afro-latino – um processo que tem a ver com a transformação paulatina e contraditória do ser negro, assim como de certos ícones da escravidão outrora escondidos, de ônus em bônus, pelo menos em alguns contextos – refiro-me ao acesso ao ensino superior e a propriedade coletiva da terra. Este é um processo relativamente mais linear, porque em crescimento constante desde os anos de 1970, que o processo de resignificação de negativo em positivo do ícone África que começa com as idéias panafricanistas e se reforça durante e logo depois da descolonização. Aqui argumento que esta resemantização do ícone África no mundo afro-latino não tem deixado de afetar a própria África e, sobretudo, sua margem mais ocidental, Cabo Verde.

Há, ademais, algo específico ao contexto cabo-verdiano. Cada narrativa sobre a modernidade e sobre aquele que seria o progresso, corresponde em Cabo Verde com determinadas narrativas sobre África, africanos e africanidade (Fernandes 2006). Nisto as distancias e os pontos de referencia geográficos mudam, tornando Cabo Verde mais ou menos longe da Costa africana (Sansone 2010a). Desta forma, a depender do tipo de proximidade político-cultural que se quer salientar, Cabo Verde pode, por assim dizer, mover-se nos mapas geográficos, se aproximado ao Brasil, à costa africana ou à região chamada de Macaronesia – as ilhas oceânicas Madeira, Açores e Canárias, o ponto mais avançado do continente europeu no Atlântico.

Em seguida quero apresentar dois casos concretos de usos (e abusos) do Brasil em Cabo Verde. Mais concretamente tenciono mostrar como ícones e atributos do assim-dito patrimônio cultural afro-brasileiro podem ser aproveitados em um contexto de luta cultural e tentativa de afirmação de alguma singularidade cultural cabo-verdiana, a partir do reconhecimento de um lugar central deste país na diáspora negra trans-atlântica. Tratarei da tentativa de dramatizar e espetacularizar a noção de Patrimônio da Humanidade e de sua utilidade pública no caso da Cidade Velha, Ilha de Santiago, e do uso da capoeira com terapia anti-marginalidade juvenil da cidade do Mindelo, Ilha de São Vicente.

O exemplo da Cidade Velha, que já foi chamada de Ribeira Grande, é um caso complexo de tentativa de patrimonialização por assim dizer por cima, por vontade de agentes externos aos antigos moradores ⁴. Antiga capital da colônia, antes de sua remoção para a cidade da Praia no meado do século XVII, que era mais fácil de defender das inúmeras incursões dos piratas, a Ribeira Grande, já foi também sede da Arquidiocese e, muito provavelmente, a primeira cidade construída e reforçada em função do trânsito e logo do tráfico trans-atlântico. Ficando quase abandonada, com sua função reduzida a lugar de cultivo de cana e produção de aguardente, devido à relativa abundância de água, vem a ser ‘redescoberta’ ainda no final de Cabo Verde colônia, no âmbito de uma tentativa de enaltecer e fincar no passado a presença portuguesa no Atlântico e na África. Uma segunda redescoberta se dá nos anos sucessivos à independência, quando o novo Estado começa a reescrever sua história, não somente nos livros ⁵, mas também nos monumentos e na identificação de novos lugares de memória e uma série de itens culturais agora a serem definidos como parte do patrimônio cultural da nova pátria. A nova, e terceira, redescoberta da Cidade Velha se dá cerca de dez anos atrás quando, sob a égide do governo e centro-direita do MPD (Movimento para a Democracia) e logo, com mais força, do segundo governo do PAICV (Partido Africano de Independência de Cabo Verde), começa o processo que deverá levar em 2009 ao reconhecimento deste lugar como Patrimônio Cultural da Humanidade – inscrevendo-o na lista de lugares merecedores deste título gerido pela UNESCO ⁶. Trata-se, pois, de um contexto onde sempre há agentes ‘de fora’ no processo de ‘redescoberta’ e sucessiva valorização: na primeira redescoberta os técnicos eram de Portugal, na segunda, sobretudo, espanhóis e na terceira eram técnicos estrangeiros e cabo-verdianos, porém sujeitos aos novos e mais severos limites e orientações da Unesco. Como mostra em sua pesquisa Flávia Marques dos Santos (2009: 25-74), esta forte presença de agentes de fora é uma faca de dois gumes: confere autoridade ao projeto de intervenção, mas aumenta a sensação de estranhamento e pouco controle sobre o espaço por parte da população local – que, em muitos casos, não entende quais seriam os benefícios, por

⁴ Ver mapa da zona em Mapa: <http://whc.unesco.org/en/list/1310/documents/>

⁵ Ver História Geral de Cabo-Verde, acessível online no sítio do projeto Memória da África.

⁶ O título de Patrimônio da Humanidade carrega uma série de possibilidades novas, mas também certo ônus para o País que o recebe, como manter e cuidar do patrimônio material e imaterial, garantir a visitação, promover o diálogo com as diversas componentes da população local e, por fim, garantir a sustentabilidade econômica de sua exploração turístico-cultural.

exemplos dos novos e severos limites á tradicional liberdade de auto-construir habitações e negócios. O anuncio é feito em linguagem bastante enfática: dar-se-ia um grande fato na história nacional.

A elevação da Cidade Velha a Património Mundial da Humanidade, decidida pela UNESCO, vai permitir o desenvolvimento do primeiro núcleo populacional surgido na ilha de Santiago, Cabo Verde.

Cabo Verde conta pela primeira vez com uma cidade declarada Património Mundial pela UNESCO. Na Cidade Velha, ou Ribeira Grande de Santiago, o ambiente é de festa desde que o anúncio foi feito em Sevilha, Espanha.

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,4436475,00.html>, acessado em 11/7/ 2011

A CIDADE VELHA - O BERÇO DA NOSSA NACIONALIDADE

Cidade Velha é o berço da cabo-verdianidade. É também a toponímia do que foi a antiga Cidade da Ribeira Grande, que foi capital do arquipélago de Cabo Verde durante alguns séculos. Foi a primeira Cidade que os portugueses tiveram em **África**, na sua aventura dos descobrimentos. Daí ser uma referência obrigatória no contexto histórico das ilhas de Cabo Verde. Dela restam apenas as ruínas debruçadas tristemente sobre o eterno mar azul do arquipélago que dormem sob o peso dos anos ...



Na **Cidade Velha** nasceu o **Homem crioulo**. Foi o ponto de encontro dos primeiros europeus e negros da costa de África trazidos para o povoamento dessas ilhas.

Fonte: www.cidadevelha.com . Acessado em 11/07/2011

Uma das coisas necessárias para que um lugar promovido a Patrimônio da Humanidade possa conservar este título ao longo do tempo, é que as autoridades que gerem este lugar possam demonstrar, por varias formas e para vários tipos de publico, que há nele algo de diferente, único, não-reproduzível, valioso e que precisa ser preservado e/ou valorizado.

Em minha ultima visita em fevereiro de 2010 a situação era como a seguir. Trata-se de um conjunto de casas, dispostas em duas ruas que vão do mar até o fundo da ribeira, algumas igrejas, sendo que duas completamente restauradas e uma utilizada para pequenos simpósios e reuniões (sobretudo sobre temas como patrimônio e identidade nacional), uma praça central (paragem dos ônibus) onde fica o antigo Pelourinho de frente para a praia (na qual é difícil tomar banho por causa das muitas pedras), uns jardins, uns pequenos canaviais com alambiques tradicionais para a produção de aguardente (grogue), uma fonte de água perene (algo singular nesta parte da Ilha de Santiago), as ruínas bem preservadas da antiga catedral, um centro de acolhida para visitantes com alguns quartos (construído em pedra em estilo ‘antigo’), uns cinco restaurantes (com preços acima das possibilidades dos moradores locais), algumas vendas de produtos turísticos ⁷, algumas sedes de ONG e, por fim, o centro de recepção do turista que é gerido pela empresa espanhola, a qual ganhou a licitação do Ministério da Cultura para a exploração e valorização da Cidade Velha – e que deveria treinar o pessoal local para as novas profissões que o turismo possibilitaria. Acima da Ribeira, fica o antigo castelo, erguido segundo um projeto italiano no decorrer do século XVI e recém completamente restaurado. Ele é o cartão postal da zona e recebe, provavelmente, a maior visitação. Faltam pousadas ou um programa de ‘homestay’ que possa funcionar como mecanismo para certa redistribuição de renda. Eu me hospedei na única hospedaria que existe, com somente dois quartos, uma iniciativa de um casal de anciãos re-migrantes – com experiência de migração, primeiro para Dacar e depois para a França - que investiram nela suas poupanças. O centro de acolhida com a pousada

⁷ Mereceria uma análise detalhada a forma pela qual o acervo destas vendas é montada e quão difícil é criar souvenirs cabo-verdianos.

anexa, mencionada acima, é mais caro e pouco aproveitado. Melhor visitado é o centro de acolhida na Fortaleza, onde todo turista recebe orientação sobre a Cidade Velha e alguma noção sobre a história de Cabo Verde, freqüente acompanhado pela projeção de um documentário.

É um vale tranqüilo, verde, cravado em uma região árida, um lugar lindo para descansar. Mas é isto que ‘o turista’ quer? Por turista entende-se nos documentos oficiais do governo de Cabo Verde como da UNESCO, quase por definição, neste caso, o turista internacional, tendencialmente europeu ou norte-americano. Embora sejam poucas as pesquisas aprofundadas sobre o perfil do turista e aquilo que ‘o turista’ gostaria de visitar e consumir na Ilha de Santiago⁸, a impressão geral é que a Cidade Velha, assim como é, não oferece muito ao turista: há pouco que possa ser transformado em espetáculo para o tipo de turistas internacionais que visitam Cabo Verde! O que atrai um antropólogo como eu – a combinação de paz, grogue, mar e peixe na brasa – não parece compor o leque daquilo que pode interessar a este turista, tanto ideal-típico quanto de fato desconhecido. Os relativamente poucos turistas que vem pela nova e rápida pista que da Cidade da Praia leva em trinta minutos á Cidade Velha ficam, em média, cerca duas horas entre a visita ao forte, ao largo do pelourinho e as igrejas restauradas. Mais detidas um pouco, mas pouco consumidoras de bens e restaurantes locais, são as numerosas visitas escolares durante a semana e os piqueniques dominicais, muitas vezes organizados por associações de bairro ou povoado. Se comparado com outros lugares na costa ocidental africana, já glamourizados por visitas do papa e de presidentes, que tem um lugar central na narrativa oficial da nação pós-colonial, como a ilha de Gorée no Senegal e os fortes escravocratas da costa do Gana (Thiaw 2009), a Cidade Velha ainda não se tornou parte de um circuito de algum tipo do assim-dito turismo étnico⁹. O que se expõe, ou se tenta expor, como sendo diferente é muito parecido com outros lugares de Cabo Verde ou, simplesmente, não apela ao desejo de férias com exotismo da grande maioria dos turistas que tocam ou ‘fazem’ Cabo Verde. Para complicar os resorts ficam fora, embora somente a poucos quilômetros de distância, e ninguém ou quase se hospeda na própria Cidade Velha. Quem a partir de 2008 ate a data desta publicação (2012) explora comercialmente o

⁸ Uma exceção é a recente pesquisa *on line* realizada sobre turismo pelo Instituto Nacional de Estatística – ver WWW.ine.cv

⁹ Ver Patrícia Pinho (2010) e www.bahiatursa.ba.gov.br.

receptivo dos turistas é uma empresa espanhola e isto aumenta o grau de estranhamento e os discursos sobre uma economia mágica do turismo, que daria (muito) lucro, mas somente enriqueceria os estrangeiros. Para mudar este quadro e criar interesse por este ‘berço da cabo-verdianidade’, diversas associações, junto com a Câmara Municipal da Cidade Velha e, às vezes, o Ministério da Cultura organizam atividades potencialmente dinamizadoras. Trata-se de feiras de produtos típicos, simpósios sobre temas afins á questão do patrimônio e da cultura, e festivais musicais (por vezes com dança).

Uma típica feira de produtos típicos exhibe em cesto de vime ou caixas de madeira, colocadas em cima de mesas enfeitadas com panos coloridos e palha de coqueiros ou folhas de bananeira: diversas compotas, doces e geléias – já confeccionados para venda ao turista em potes; a aguardente local – pura ou misturada com suco de fruta, o ponche; CD’s e DVD’s de música cabo-verdiana; produtos agrícolas ‘di terra’ (cana, frutas de estação), lingüiças caseiras, algum artesanato ¹⁰ (Extraído do caderno de campo, 2-2009).

Foto 1

No lançamento de um livro em janeiro de 2009 sobre a memória de Amílcar Cabral no presente de Cabo Verde, realizado á presença de cerca de 100 pessoas no átrio da igreja restaurado, usualmente usado para simpósio, durante as pausas servem-se prato da comida típica de Cabo Verde, regados a aguardente e vinho branco da Ilha do Fogo. O som mecânico toca musica cabo-verdianas ‘das antigas’. Há cerca de 20 rapazes e moças entre 18 e 25 anos que servem a comida para os conferencistas. Eles se vestem em trajes apresentados como típicos da

¹⁰ Do lado da feira de produtos típicos, quase sempre instalada no largo do Pelourinho, vendem regularmente seus artesanato e quincalharia quatro ou cinco imigrantes africanos da costa, em maioria senegaleses, que quase todo fim de semana estão neste lugar, beneficiando-se do maior fluxo de visitantes, alguns dos quais á procura de artesanato idealmente original e exótico. Este tipo de artesanato, segundos alguns turistas franceses que entrevistei, não se acharia facilmente no meio do artesanato de Cabo Verde. Falta de artesanato ‘original’ é, aliás, uma das queixas dos turistas que entrevistei em diferentes lugares de Cabo Verde. Eles se queixam que este país, de forma muito diferente do Senegal (o país mais próximo na costa africana), pouco oferece de ‘original’, a não ser CD’s de música – esta sim vista como algo específico de Cabo Verde. Na realidade a falta de suposta originalidade e singularidade da cultura popular de Cabo Verde, muitas vezes vista como uma vertente pobre da cultura popular rural ou marítima de Portugal, é um tema – ou um dilema – já há muito debatido entre intelectuais de Cabo Verde e que se reapresenta cada vez que é preciso identificar uns artefatos culturais para que estes sejam musealizados, como no pequeno e interessante Museu Etnográfico da Praia (IIPC 2007) ou, mais recente, patrimonializados, como parte do processo e valorização a aproveitamento econômico da promoção por parte da Unesco da Cidade Velha a Patrimônio da Humanidade.

Ilha de Santiago, andando descalços ou de alpargatas de couro. Eles pouco falam, tampouco entre si. Parecem acostumados a esta performance da cultura tradicional, que realizam com elegância (extraído do caderno de campo, 2-2009).

Foto 2

Tudo isto aparece ser demasiadamente ‘pouco diferente’ para o turista ocidental. Para complicar o quadro, a promoção a Patrimônio da Humanidade da Cidade Velha em 2009 impõe limites severos a edificação, que por vezes criam ressentimentos, além de obrigar a uma série de atividades de preservação e educação ¹¹. A sustentabilidade do projeto continua, a meu ver, um enigma. De onde viriam os turistas, se a grande maioria do turismo em Cabo Verde é do tipo internacional de resort, concentrado nas ilhas do Sal e Boa Vista? A idéia que um micro-turismo nacional possa ser interessante não parece ocorrer a quase ninguém. Embora seja este o turismo majoritário, prefere se sonhar de um turismo imaginário, em geral internacional e de ‘cinco estrelas’, a se trabalhar para estimular o turismo interno ou a visitação de massa (ver Paul Amar 2008).

Precisaria de algo mais impactante, e nisto, pensam os gestores da Cidade Velha como Patrimônio da Humanidade, pode se obter por meio de um ‘input’ externo. Vemos agora duas tentativas neste sentido, uma iniciada nos Estados Unidos e reinterpretada na Ilha, e outra inspirada na cultura afro-brasileira.

A primeira iniciativa, que teve em Cabo Verde grande repercussão, é aquela do navio Amistad. O que acontece quando chega este navio, fretado para dramatizar o momento em torno do reconhecimento da Cidade Velha? Vejamos o que diz o sitio

WWW.panapress.com em 31 de janeiro 2008:

Empresários apoiam escala de réplica de navio negreiro em Cabo Verde

Praia- Cabo Verde (PANA) -- O grupo de empresários norte-americanos de ascendência cabo-verdiana pertencente à Capeverdean American Business Organization (CABO) vai financiar a deslocação a Cabo Verde da réplica do navio negreiro “Amistad”, que deverá chegar às águas territoriais do arquipélago entre 27 e 29 de Fevereiro deste ano.

¹¹ Uma vez, durante minha pesquisa de campo, uma senhora de idade se aproximou e levantou a voz, insistindo que eu era o arquiteto (espanhol) que estava aí para limitar a liberdade de reforma das (pobres) casa dos antigos moradores. Com dificuldade aceitou que não era eu.

Este grupo, composto por cerca de 20 empresários que se encontram há cerca de uma semana de visita a Cabo Verde, esteve reunido quarta-feira, na Praia, com o ministro cabo-verdiano da Cultura, Manuel Veiga, a quem comunicou esta a decisão de participar nas despesas da vinda a Cabo Verde da réplica da embarcação apreendida a 26 de Agosto de 1839 em águas territoriais dos Estados Unidos com um grupo de escravos revoltosos a bordo.

A réplica do Amistad está a realizar uma viagem de 16 meses que a levará a passar por países da Europa, de África e das Caraíbas, antes de retornar à costa leste dos Estados Unidos, numa reedição científica do histórico triângulo da escravatura existente até ao século XIX.

A escala em Cabo Verde acontecerá depois de o navio deixar a Serra Leoa e de uma estada no Senegal na ilha de Gorée, para contactos com a história e a importância desta ilha no comércio transatlântico de escravos.

Em recentes declarações à rádio Voz d'América (VOA), Clifton Graves Junior, vice-presidente da Amistad Americas' Atlantic Freedom Tour, entidade que organiza a viagem, disse esperar que a escala científica da embarcação venha a dar um novo impulso à candidatura da Cidade Velha ao estatuto de Património Cultural da Humanidade.

"Como sabe, a maioria das pessoas conhecem muito pouco sobre o grande legado histórico de Cabo Verde, pelo que existe uma certa depreciação do papel do arquipélago na historiografia mundial e em particular no comércio transatlântico de escravos. Com a nossa visita a esse porto, esperamos poder contribuir para chamar a atenção do mundo - e dos Americanos em particular - para o legado histórico dessas ilhas", afirmou.

A viagem, concebida como um projecto científico, partiu desde a cidade de New Haven, no Estado norte-americano de Connecticut em Junho de 2007, e prevê a escala em quase 20 portos que tiveram um importante papel no passado histórico referente à escravatura e que hoje são também "responsáveis" pela herança política, económica e social da cultura africana em todo o mundo.

A bordo da embarcação seguem cientistas dos Estados Unidos que pretendem com esta iniciativa reeditar a trajectória feita pelos escravos que assumiram o controlo, em 1839, do navio espanhol La Amistad, depois de este ter zarpado de Cuba com os escravos levados por mercadores portugueses, que por sua vez os tinham capturado na costa da Serra Leoa.

Inicialmente, tinha previsto atracar em Cabo Verde apenas para uma escala técnica, mas graças à intervenção de elementos afectos à candidatura da Cidade Velha a Património da Humanidade levou a uma reestruturação do programa da viagem da réplica do Amistad.

A escala do navio na ilha de Santiago vai ser aproveitada para a realização de um programa que visa, essencialmente, envolver amplamente a população daquela localidade, através de visitas de estudo ao navio que resultarão em trocas de informação, pesquisas e estudos científicos.

E a página on line do semanal Expresso da Ilhas em 2 de março de 2008:

NAVIO AMISTAD JÁ ESTÁ EM CABO VERDE

A réplica do navio negreiro espanhol do século XIX "Amistad" já está atracado no porto da Praia . Eram 14 horas 10 minutos, quando o Amistad aportou ao cais da cidade da Praia, colocando assim Cabo Verde na rota dos 20 portos que desempenharam papel significativo no comércio de escravos. O navio que ficará em Cabo Verde até dia 09 de Março, recebe às 17 horas a visita oficial da delegação governamental chefiada pelo primeiro-ministro, José Maria Neves. A tripulação do "Amistad" terá uma intensa semana de visitas e encontros com entidades nacionais, com o Presidente da República, o primeiro-ministro, o ministro da Cultura e outros governantes, estando já marcada para amanhã, uma volta à ilha de Santiago, numa visita guiada, de acordo com a agenda programada da comissão organizadora da visita do Navio.

A visita guiada aos principais pontos de interesse histórico na Ribeira Grande de Santiago, antiga Cidade Velha, donde partiam os escravos africanos para a América, está marcada para o dia 7 de Março.

Cabo Verde, foi um espaço de "diasporização" dos africanos no Atlântico, adiantou o director científico da candidatura da cidade velha a património Mundial, Charles Akibodé, para quem "os primeiros escravos que chegaram à América saíram da Cidade Velha, argumentando "temos informações certas que havia uma grande procura pelos escravos latinizados, de Cabo Verde. Por isso é um momento histórico que dá uma mais valia aos argumentos do dossier de candidatura de Cidade Velha a Património Histórico", explicou Charles Akibodé. A escala em Cabo Verde faz parte de uma viagem transatlântica do "Amistad,"

que se juntou a agências e organizações internacionais nos Estados Unidos, Canadá, Europa, África Ocidental e Caribe no reconhecimento e celebração do bicentenário da abolição do comércio atlântico de escravos no antigo Império Britânico e nos Estados Unidos da América. Esta viagem de 18 meses - chamada "Viagem da Liberdade, cooperação, intercâmbio cultural e celebração - vai refazer o triângulo do comércio escravagista (África-Europa-América).

A operação, que é de fato comercial, promete conferir imensos benefícios a lugares, eventos e pessoas que serão tocados pelo navio Amistad e sua rede internacional de apoio. Como parte disto o legado da escravidão deixará de ser uma mancha ou uma ferida para se tornar algo que conecta lugares e eventos á modernidade do Primeiro Mundo (sobretudo os Estados Unidos); e, para Cabo Verde, conectar-se com os Estados Unidos pode e deve levar a um grande aumento no fluxo de turistas, sobretudo dos assim-ditos 'turistas étnicos' – e isto deve aumentar desde o advento ao poder de Obama; ademais a Cidade Velha deixará de ser um problema (por ser emblema de um passado a esquecer e ademais algo difícil de preservar em termos de patrimônio material) para se tornar uma solução – uma ponte com o bem estar, seja qual for seu lugar no mundo ¹².

Em um dia de sol de fevereiro de 2008, o Amistad joga a âncora na frente da Cidade Velha. Dois botes levam e trazem a tripulação para a praia e os muitos curiosos para visitar o navio. A tripulação é formada pelo capitão, três marujos, um grupo de jovens americanos entre 20 e 25 anos de idade, entre os quais alguns negros, um par de norte-americanos aposentados e dois ou três jovens africanos - um deles é militar da Serra Leoa. Em torno das 11 da manhã chegam os políticos, entre os quais o ministro da cultura e o Presidente da República. Depois do almoço na praça de Pelourinho, de lado da praia, começa um show cultural. Há discursos dos políticos nacionais e locais, enaltecendo a importância do

¹² O uso de navios de época para fins de ufanismo e/ou projetos de resgate de alguma tradição (náutica ou não) é coisa antiga e não limitada a Cabo Verde. Os vários navios escolas das marinhas de guerra podem servir neste sentido, assim como as réplicas de navios vikings, caravelas de Colombo, de fragatas da Guerra Civil norte-americana, navios negreiros em vários museus da escravidão. E como esquecer a malograda réplica da nau portuguesa que deveria servir para celebrar os 500 anos do assim-dito Descobrimento do Brasil, mas mal conseguiu navegar e – depois de enormes gastos de dinheiro público e inúmeras acusações pelo fato de não ser apta á navegação, ficou ancorada no Museu da Marinha no Rio de Janeiro -

http://www.mar.mil.br/menu_h/noticias/espaco_cultural/Nau_dos_descobrimentos.html.

patrimônio material e imaterial da Cidade Velha e celebrando a grandeza da visita de tal navio que ajudará divulgar para o mundo afora a, até então, internacionalmente pouco conhecida história da Cidade Velha. O show musical é formado por uma seqüência de atrações: canta-autores, um grupo de batuco e um grande grupo de dança afro – que começa dançar no palco para depois descer para o público – na praça que é enfeitada com as bancas da feira de produtos típicos. O grupo de dança é a grande novidade, sendo composto por cerca de 30 rapazes e meninas entre 15 e 25 anos de idade. Longe de ser em estilo que aparentasse as danças davo-verdianas, tradicionais ou menos, como o zouk, lembrava muito de um show de um grupo de dança afro em uma praça de Salvador da Bahia. Torso de rapazes nus e de meninas com top de biquíni, saia de palhas, corpos pintados de branco (como no bloco afro Timbalada), adereço e enfeites de noz de coco ou búzios, cabelos afro ou em *dread locks* (extraído do caderno de campo, 20/2/2008).

Este uso da dança afro (brasileira) e da parafernália dos blocos carnavalescos afro, sobretudo aqueles de Salvador da Bahia, como artefato dinamizador e espetacular, algo que pode atrair atenção para fenômenos culturais, digamos tradicionais, não é uma completa novidade. É algo que se percebe já há anos no carnaval do Mindelo, por exemplo, nas imagens no Youtube dos carnavais de 2009 a 2011, onde depois de décadas de influência do carnaval carioca e suas escolas de samba, reinterpretam-se ícones do carnaval soteropolitano como os trios elétricos e os blocos afro e suas re-invenção da África (Sansone 2004) ou re-africanização da prática do carnaval (Riserio 1984). Nos últimos 6-7 anos tentativas neste sentido foram feitas também na cidade da Praia, dentro de um esforço mais amplo de revitalizar a tradição do carnaval de rua.

Importante agente de mudança e organizador deste carnaval da cidade da Praia é um animador cultural bem conhecido. Trata-se de um artista com cerca de 40 anos de idade que experimenta com diversos recursos, sobretudo, artes cênicas, artesanato (ou arte popular como ele prefere chamar), música e dança. É um verdadeiro agente dos dois mundos, de uma criatividade extra-ordinária: nascido na Praia, filho de um importante político, formado em educação física em uma universidade no Sul do Brasil, onde ele residiu vários anos e também encontrou artistas, ativistas negros, artesãos e intelectuais. Ele transita muito pelo arquipélago e internacionalmente e é, por assim dizer, abrasileirado, pelo menos nos gestos, na relativa informalidade durante nossa entrevista e no sotaque quando fala Português comigo. Tem cabelo rasta e, contrariando a prática

da elite de Santiago, fala crioulo com o filho em público. Ele é atento aos temas do meio-ambiente e a necessidade da reciclagem, aspectos presentes nos adereços de suas coreografias. Estas, aliás, celebram a mistura e a invenção: dança afro vá junta com dança do batuco criando formas novas – por exemplo, apresentando um conjunto de jovens homens, de torso nu e vestindo curtas saias de palha de coco, que dançam com energia, embora no batuco tradicional seja só a mulher que dança.

Jamal, pseudônimo neste texto para este importante animador cultural, veste com roupa africana ou afro-baianas (batas de bloco afro) e também nisto é um dos poucos na Praia. Aliás, uma forma de pesquisar a complexa relação do país com seu lugar entre África, America e Europa, seria pesquisar a prática e a política do vestir em Cabo Verde: identificar quem, como e quando se veste com roupa africana e de que roupa africana se trata; quem e quando veste roupa tradicional como, no caso das mulheres, lenço e saião, *pano di terra* (sobre este tema veja-se Lopes Filho 1997). Minha observação é que a roupa assim dita tradicional somente se usa no interior da Ilha de Santiago, ou, raramente em algumas celebrações das tradições, como a redescoberta do batuco ou tabanka, na Praia; quase não se usa em outras ilhas ou até, como no Mindelo, representa um sinal distintivo das *rebidantes*¹³, as mulheres *badias*¹⁴ – que até lá viajam, sobretudo de navio, para vender diversos produtos de casa em casa ou em algumas ruas, sobretudo do centro.

Este ativista do campo da cultura tem um discurso elaborado e coerente em torno da criatividade, da inventividade e da necessidade de tornar os cabo-verdianos mais conscientes de suas raízes culturais, em boa parte de origem africana. O argumento é que a forma pela qual no Brasil os negros têm redescoberto sua raízes culturais na África – sua africanidade e negritude – com tantos esforços, não obstante o racismo dos brancos e as tantas dificuldades ligadas á distancia com a África, podem e devem ser fonte de inspiração e instrumento de luta cultural em Cabo Verde, onde muitas pessoas

¹³ Rebidantes é o termo usado para as mulheres que comerciam com frutos, peixes ou mercadorias importadas de vários países e de diferentes formas (Grassi 2006). Esta profissão se encontra em constante mudança. Por exemplo, a chegada de numerosos revendedores chineses, que tramitam diretamente vários tipos de produtos da China altera profundamente as redes de distribuição em Cabo Verde (Beuret 2008; ver a tese de doutoramento de Tatiana Reis no Programa de Estudos Étnicos e Africanos, UFBA, 2012).

¹⁴ Badio/a é o como se chama o morador das ilhas de Sotavento (Santiago, Fogo, Brava e Maio). O termo vem da palavra vadio, mas nem sempre tem hoje um sentido negativo. Os moradores das ilhas de Barlavento (S. Vicente, S. Nicolau, S. Antão, Sal e Boavista) são chamado de sampajudos/as.

ainda renegam a África a qualquer custo. Vejamos agora trechos de uma longa entrevista ele concedida á TV portuguesa em 2009 e disponível online no

http://videos.sapo.ao/rtp_africa/playview/2:

...Sou um investigador dos ritmos tradicionais cabo-verdianos. Interesse-me pelos ritmos que escutei na rua, desde criança, em crioulo se diz ‘cultura sabi no chon de bo’ (a cultura é bonita na tua terra). ... Sempre um bom filho regressa á casa e nossos músicos viajam e se inspiram pelas musicas de outros países, mas a uma certa hora se voltam de novo para a terra. Lá fora as pessoas estão á procura de valores interculturais, mas aqui, depois do Ronaldo Pantera (LS: inesquecível compositor, já falecido), não houve um posicionamento de amor ás raízes musicais. ...Tenho uma abordagem que não deixa de ser tradicionalista, mas universalista também. Combino elementos afro com elementos afro-cabo-verdianos: eles têm uma raiz ancestral comum.

A Ilha de Santiago e, de alguma forma os Badius e sua cultura, tem sido visto como a componente da cultura e população de Cabo Verde mais próxima da África, ou mais afastada de Portugal, por dispor tradicionalmente de artefatos como a tabanca, o batuco, a funana, o pano di costa e formas das mulheres se vestirem que as tornariam ‘diferentes’. No extremo oposto, cidade de Mindelo na Ilha de S. Vicente representa no imaginário do assim-dito barrismo cabo verdiano (Lopes Almeida Fontes 2007) o alter ego da cidade de Praia. Mindelo é, por assim dizer, a capital cultural dos sampajudos. Seria, desde sua formação inicial, a porta de entrada no arquipélago dos usos, costumes e culturas européias (Correia e Silva 2000). Aquilo que caracterizaria ou tornaria ‘diferente’ em termos de cultura esta cidade é seu importante carnaval. Sabemos que o carnaval é, quase por definição, uma festa que facilmente sincretiza, hibridiza, reinventa e mistura – ademais em um diálogo bastante intenso com os carnavais de outros lugares. O carnaval do Mindelo apresenta-se como uma expressão em diálogo com o carnaval brasileiro, inicialmente aquele do Rio de Janeiro e mais recente, também, aquele de Salvador. Tenho conhecimento de uma única e recente publicação sobre o carnaval contemporâneo em Mindelo, resultado de uma pesquisa de mestrado (Rodrigues 2011), mas de nenhuma pesquisa científica sobre a história deste carnaval. Por isso quanto a sua historia há informações divergentes. Sabemos que tomou força, sobretudo, depois da Independência e que o dialogo entre esta festa mindelense o Brasil já inspirou uma famosa música de Cesária Evora, no disco Café Atlântico, “S.Vicente é um Brasilin” (um Brasilzinho). Importante é aqui ressaltar que esta centralidade do carnaval, e de seu diálogo com o Brasil, na auto-representação daquilo que seria a essência da cultura

popular no Mindelo, presente tanto nas opiniões dos intelectuais desta cidade com os quais falei quanto nas brochuras turísticas, cria um contexto para a Africanidade e sua espetacularização diferente da cidade da Praia ¹⁵.

Vejamos agora o caso da capoeira de Mindelo, que existe, de forma documentada, já há pelo menos uma década. Há cerca de cinco anos existe de forma mais estruturada, não mais somente como uma roda ocasional, mas uma verdadeira escola ou academia de capoeira instalada em um galpão no centro de Mindelo, ao pé do centro cultural, onde se realizam exposições, há a melhor livraria e se encontra um dos cafés preferidos pelos intelectuais mindelenses. A mensagem mais importante da academia de capoeira é que em S. Vicente, assim como nas cidades brasileiras, para os meninos pobres e a toa, nada melhor que a disciplina de um mestre de capoeira. É uma mensagem que, por sua força intrínseca, assim como pelas inegáveis capacidade e profissionalismo do mestre, tem êxito: embora menos do que seria desejado pelo mestre, o poder local apóia a academia. Foi com surpresa que me encontrei, inicialmente por acaso, no meio de uma escola de capoeira. Hierárquica, disciplinada e emocionante como estas escolas tendem a ser. Repeti lá, logo na minha chegada, o erro que já tinha feito uma vez no Brasil: sentar por engano na poltrona do mestre. Imediatamente, de jeito firme, um jovem adepto me mandou sentar no bem menos cômodo banco de madeira para os visitantes. Isso indica que o mestre já tinha ganhado na cidade de Mindelo o respeito e a disciplina canônicos nas academias de capoeira em qualquer cidade do Brasil.

Fred, como eu chamo neste texto nosso mestre, tem por volta de 35 anos, é pardo, nascido e criado em Minas Gerais, com nível de escolarização médio. Ele entende, mas não fala crioulo. Em 2007 ele forma uma ONG baseada em Mindelo, aluga um prédio histórico (um galpão no centro de Mindelo) e se auto-produz como evento cultural. Produz um DVD chamado Capoeira em Cabo Verde – enfeitado com as bandeiras do Brasil e Cabo Verde ¹⁶. Entrevistei-lo e depois ele, gentilmente, levou-me conhecer lugares na Ilha de S.Vicente.

¹⁵ Na cidade da Praia o Carnaval também está a passar por um processo de revitalização e reinvenção. Embora eu não saiba de publicações resultado de pesquisa, são abundantes os relatos jornalísticos e as imagens na internet. Veja-se, entre outros, <http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/lusa/2007/02/20/ult3680u420.jhtm>

¹⁶ Vejam entrevista on line no <http://www.youtube.com/watch?v=UsGJv94MeC8&feature=related>

“Agora trabalhar em Cabo Verde com capoeira está fácil. Quando cheguei aqui já tinha rapazes que tinham conhecido a capoeira no Brasil e que aqui queriam continuar. Então quando cheguei aqui, já como mestre, tive a sensação que em Cabo Verde poderia ser pioneiro... (março 2008)” .

Conclusões

Como mencionado na introdução, a fusão de culturas para a criação de algo novo e original, e sua reivindicação como uma das características essenciais da cabo-verdianidade, são processos tão antigos quanto a história de Cabo Verde como entidade político-cultural e depois como país independente. Em torno da cultura popular do arquipélago, antes reprimida em suas feições pouco-européias e depois promovida como alma da terra, há muito se dá a luta pelo controle de sua força aparentemente intrínseca, em um processo que contribui para aumentar a polifonia em torno daquilo que seria o caráter popular da cultura. Como mostrou em seu livro Maria Turano (s.d.), na fase pós-independência, alguns intelectuais cabo-verdianos, explicitamente, usaram a invenção e a criatividade para tirar do esquecimento e valorizar formas culturais até então reprimidas pelo poder colonial, porque consideradas primitivas ou de origem africana. Turano cita o caso conhecido do grupo musico-cultural Bulimundo, reformulando gêneros musicais como finaçon, batuco e funana, e do grupo teatral Korda Kabuverdi, que tentou revitalizar a tradição africano-católica da tabanca urbana por meio de sua teatralização e dramatização ¹⁷. Hoje em dia este processo se dá em um contexto em ainda mais rápida mudança, devido ao avanço e consolidação da globalização, especialmente em alguns de seus âmbitos. Vemos alguns exemplos desta mudança, assim como de novos atores ou motores:

1. As viagens Sul-Sul não são mais somente monopólio de padres, antropólogos ou diplomatas, mas concernem nos últimos anos também ativistas da negritude, capoeiristas, músicos, mães e pais de santo, estudantes, empresários, pastores pentecostais, publicitários e marqueteiros, e, ainda, aventureiros. Pesquisar estas novas trajetórias pessoais e estratégias de sobrevivência que estas evidenciam, parece-me importante.

¹⁷ Trajano (2009) mostra que o contexto da tabanca no interior da Ilha é muito diferente e menos sujeita a agentes externos como os animadores culturais.

2. O surgimento da internet ¹⁸ e de novas tecnologias comunicacionais em geral ¹⁹.
3. O fortalecimento, agora também no Sul Global, de um conjunto de acordos e até leis internacionais que visam o amparo e divulgação não somente do patrimônio em si, mas de forma mais específica, do patrimônio imaterial ou intangível.
4. O próprio processo de amadurecimento do processo democrático que tem por si só gerado uma crescente demanda de internacionalização e abertura, tanto no Brasil como em muitos países africanos.
5. O crescimento – ou, em certo sentido, a retomada – da influencia do Brasil (e da Angola, que neste texto não tratei) em termos de cultura, música e religiosidade popular, que introduz mais variedade na relação com os países de fala portuguesa – entre os quais não haveria mais de forma preponderante Portugal como fonte de inspiração. Estas novidades proporcionam novas oportunidades, assim como novas tensões na sociedade cabo-verdiana. Vê-se, entre outras, a desesperada necessidade de produzir uma diversidade cultural cabo-verdiana, que o torne ‘diferente’ de outro país. Se for mestiço e crioulo pode ser bom em alguns âmbitos, ele pode vir a ser um ônus quando no panteão das nações todos os países têm que ser diferentes dos outros, culturalmente falando. Este é, de fato, o paradoxo da patrimonialização em Cabo Verde: como é possível ter uma clareza classificatória, que parece ser necessária para identificar e distinguir os aspectos e artefatos merecedores de apoio e reconhecimento por parte do poder público, numa sociedade que se pensa como crioulistizada? Seria, de alguma forma, possível patrimonializar a mestiçagem ou é este um fenômeno que pode até ser celebrado na cultura popular assim como na erudita, mas que com mais dificuldade

¹⁸ Interessante ressaltar que sobre todos os temas que toquei neste texto há bastante informação na web. Desta forma isto nunca tinha me acontecido. Isto se deve a dois fatores: cresce de forma exponencial a exibição na web de fenômenos culturais até há pouco relativamente isolados, que passam assim da invisibilidade para a hiper-exposição; a vida cultural de Cabo Verde assim como o debate sobre a cabo-verdianidade e a identidade nacional está bastante veiculado pela web – à relativa fraqueza da mídia impressa neste país de ilhas espaciais faz frente a importância da web (em todas as praças pública de Cabo Verde há wireless grátis!) ¹⁸. Isto deve ser levado em conta em nossa metodologia de pesquisa assim como na relação sujeito-objeto durante a pesquisa. Neste sentido a tese de doutorado de Sonia Melo (2007) representa uma importante novidade.

¹⁹ Veja-se a exposição Africa Away From Home organizada por Antonio Motta em 2011 no Museu Federal da Abolição em Recife, que mostra quanto celulares, blogs, Orkut, Facebook e Skype mudaram o jogo de força no cotidiano das relações Brasil – África.

pode vir a ter reconhecimento formal por parte do Estado moderno que se proclama multicultural? De fato, no moderno panteão das nações parece ser mais aceito o modelo multicultural que a noção de mestiçagem ou creolização – sempre colocada em discussão nos grandes projetos geográfico-político-raciais, desde o Congresso de Berlim em 1884-87²⁰. Ironicamente, os países que tradicionalmente tem se definido ou tem sido definidos por fora como mestiços parecem hoje ter dificuldade em verbalizar esta sua característica em uma linguagem facilmente inteligível no âmbito do discurso global de valorização da diversidade. O discurso da mistura ou do hibridismo tende a ser mais valorizado, como atributo de uma modernidade tardia, em países que não fizeram da mistura parte integrante de sua narrativa nacional. Neles, este discurso se apresenta como a forma moderna de lidar com a diversidade cultural proporcionada pelas varias facetas da globalização (migrações, fluxos culturais, cultura digital etc.).

Se esta pesquisa corrobora algumas das assim ditas regras da globalização das culturas e de seu processo de patrimonialização, nela também me deparei com alguns verdadeiros enigmas. Porque o candomblé não se exporta do Brasil para Cabo Verde, nem acho que nenhum pai de santo ou mãe de santo brasileiro jamais tentou fincar pé no arquipélago, mas sim para outros países não negros, como no Rio de la Plata ou na Europa? Porque a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) chega forte e chegam também, de forma mais sutil, os curandeiros da Guiné Bissau? Será que em Cabo Verde não há espaço para uma reinterpretação da religiosidade afro-brasileira? Evidentemente tanto a vivência religiosa quanto o mercado religioso estão relacionados com o contexto identitário mais amplo e este, no caso de Cabo Verde, não tem sido fértil para todos os ícones associados às culturas afro-brasileiras. Talvez este enigma possa ser desvendado si se pesquisar, detalhadamente, a trajetória destes ‘empresários étnico-culturais-religiosos’ transatlânticos. Assim como é importante ver o contexto onde eles operam, as forças políticas e econômicas envolvidas. O poder identitário de um determinado

²⁰ Neste congresso que, entre outras impactantes decisões, estabeleceu uma única contagem do tempo cujo fuso horário zero começava em Greenwich-Londres não por acaso, chega a se formalizar uma geografia racial do mundo, na qual a cada continente corresponderia uma daquelas que naqueles anos eram definidas de ‘grandes raças’. Nos mapamundi da época a Europa tende a ser de cor verde ou rosa, a África de cor marrom escuro, a Ásia amarela e a América vermelha – a Oceania, muitas vezes, colorida de azul, fica como um espaço deslocado, sem uma ‘grande raça’ nativa. Neste congresso, assim como nos dois sucessivos congressos internacionais sobre a raça, não parece ter um lugar do mundo próprio aos mestiços, e até na escala evolutiva o lugar deles não está definido. Nestes congressos, em alguns casos, somente há espaços para os mestiços como solução temporária para a ‘questão racial’. Se as ‘grandes raças’ foram assim inscritas na geografia, os mestiços foram excluídos dela.

artefato cultural – sua capacidade de mobilizar ou acionar identidade - depende muito mais destes contextos do que de algum valor intrínseco de um objeto, música, letra, dança ou, simplesmente, jeito. Por exemplo, vimos neste texto como a capoeira possa ter um ‘valor’ na Cidade Velha e outro diferente no Mindelo, entre outros motivos, em consequência do apoio do Estado ou de ser parte de uma iniciativa em boa medida voluntária.

Em suma, as imagens sobre a África e os africanos elaboradas na diáspora, com fins anti-racistas e identitários, tendem a relegar a África em um passado estático, pré- ou anti-moderno, indo contra as tentativas de muitos intelectuais no próprio continente africano no sentido de possibilitar uma existência cosmopolita na África assim como uma visão dinâmica da história africana. Por outro lado, estas imagens diaspóricas da África reverberam sobre a realidade africana. Isto funciona como um cobertor curto: deste lado do Atlântico a África é redescoberta em toda uma série de feições pré- ou até anti-modernas (primitiva, instintiva, telúrica, natural, uterina etc.). Daquele lado do Atlântico as pessoas e os fermentos culturais não ficam imunes a estes processos: repudiam-no ou os reinterpretam para outros fins. Os usos e abusos da África no Novo Continente afetam o Velho Continente.

Referencias:

- Amar, Paul 2006. "Contesting Myths, Critiquing Cosmopolitanism, and Creating the New Cairo School of Urban Studies," in Paul Amar and Diane Sigerman, eds. Cairo Cosmopolitan, American University in Cairo Press.
- Beuret, Michel 2008. La Chinafrique : Pékin à la conquête du continent noir. Paris: Grasset.
- Correia e Silva, Antonio 2000. Nos tempos do Porto Grande do Mindelo, Praia/Mindelo, Centro Cultural Português.
- Couto, Mia 2011. Amado Jorge. Uma leitura africana de Jorge Amado. Conferencia proferida no encerramento do XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, 8 de agosto.
- Fernandes, Gabriel 2006. Em busca da Nação. Notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo. Florianópolis-Praia, Editora da UFSC/IBNL.
- Furtado Cláudio e Pierre-Joseph laurent 2008. "Le pentecotisme bresilien au Cap-Vert. L'Eglise Universelle du Royaume de Dieu", Archives de Sciences Sociales des Religions 141, 113-131.
- Gilroy, Paul 2002. O Atlântico Negro — Modernidade e Dupla Consciência. Rio de Janeiro, Editora 34/UCAM.
- Grassi, Marzia 2006. Rabidantes. Il volto femminile del commercio transnazionale a Capo Verde, Milano: Franco Angeli.
- Hernandez, Leila 2002. Os filhos da terra do sol: a formacao do Estado-Nacao em Cabo Verde, S.Paulo: Selo Negro.
- IIPC (Instituto da Investigacao e do Patrimonio Culturais) 2007, Museu Etnografico da Praia. Catalogo da Exposicao, Cabo Verde.
- Lobban, Richard 1995. Cabo Verde. Crioulo Colony to Independent Nation. Oxford: Westview Press.
- Lopes Almeida Fontes, Elsa Maria 2007. O bairrismo em Cabo Verde. Santiago e São Vicente, Praia: Tipografia Santos.
- Lopes Filho, João 1997. O corpo e o pão. O vestuário e o regime alimentar cabo-verdianos. Câmara Municipal de Oeiras.
- Melo Sonia 2007. Connection@Cape Verde. Postcolonial Globalisation Through the Internet. Tese de Doutorado, Nottingham Trent University.

- Mbembe, Achille 2001. “As formas africanas de auto inscrição”, Estudos Afro-Asiáticos 23, 1, 171-209.
- Mignolo, Walter 2005. The Idea of Latin America, Oxford: Blackwell.
- Mudimbe, Valentin 1988. The Invention of Africa: Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge (African Systems of Thought), Bloomington: Indiana University Press.
- Pinho, Patricia 2010. Mama Africa: Reinventing Blackness in Bahia, Chapel Hill: Duke University Press.
- Reis, Tatiana 2012. As rebidantes. Relações de gênero e economia informal em Cabo Verde. Tese de doutoramento, Programa de Pós-Graduação em Estudos Etnicos e Africanos, UFBA.
- Risério, Antonio 1984. Carnaval Ijexá. Salvador: Corrupio.
- Rodrigues, Moacyr 2011. O Carnaval do Mindelo. Formas de reinvencao da festa e da sociedade. Mindelo (Cabo Verde): Alfanumerico.
- Sansone, Livio 2004. Negritude sem Etnicidade. Salvador/Rio de Janeiro: Edufba/Pallas.
- 2007. “Que multiculturalismo se quer para o Brasil?”, Ciência e Cultura 59, 24-28.
- 2010. “The making of Suriland. The Binational Development of a Black Community between the Tropics and the North Sea”, IN: Margarita Cervantes-Rodriguez; Ramon Grosfoguel; Eric Mielants. (Orgs.). Caribbean Migration to Western Europe and the United States Essays on Incorporation, Identity, and Citizenship. Philadelphia, Penn: Temple University Press, 169-188.
- 2010a. “Desigualdades e narrativas identitárias em Cabo Verde: em ilhas sem mata não dá para se esconder”, IN: Wilson Trajano org. Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional. Brasilia: Athalaya, 75-91.
- Santos, Flávia Lenira Marques dos 2009. “Construção patrimonial da Cidade Velha: usos políticos, turísticos e identitários”, IN: Maria Elizabeth Lucas e Sergio Baptista da Silva orgs. Ensaio etnográfico na ilha de Santiago de Cabo Verde. Praia e Porto Alegre: Editora UNICV e UFRGS Editora, 25-74.
- Thiaw, Ibrahima 2009. “Archeologie de l'île de Goree, au Senegal. Chaque maison a une histoire” In: Livio Sansone, Elise Soumonni et Boubacar Barry orgs. La construction transatlantique d' identites noires. Entre Afrique et Ameriques, Paris: Karthala, 41-56.

Trajano, Wilson 2009. "The conservative aspects of a centripetal diáspora: the case of the Cape Verdean *tabancas*", Africa 79, 4; 520:542.

Turano, Maria (sem data). Un'idea di Africa. Lecce: Grafo7 Editrice.